

Meu Deus! sei que chegais até o mais íntimo dos meus sentimentos: vêde que já amo; Deus meu... não me abandoneis. Fazei aumentar o meu amor, Deus da minha alma, pois quero amar, e só amar.

Vedes o meu desejo, irmão? Ah! sim, veles: mas não podeis sentí-lo, como eu, porque êle é meu; porque eu o mereci e não vós; porque é o sofrimento que eu mesmo fiz nascer com a minha liberdade.

Entretanto, uma esperança consoladora alenta e fortalece a minha alma: não vi essa felicidade para perdê-la para sempre; porque Deus é Deus.

Vi João submergir-se nesse pélago de felicidade, e ainda ouço as suas palavras de amor e de esperança.

Ama e espera, como eu amo e espero, pobre irmão, pobre viajor da Terra!...

XXV

“Há deveres reais, verdadeiros, inexcusáveis: disse-o eu ainda há pouco tempo, e disse-o quando ainda vivia entre vós. Mas, vós o sabeis sem que eu vô-lo diga, porque sabem-no todos os que pensam e sentem.

Também sabeis que o dever é a lei imposta pela sabedoria de Deus aos espíritos livres.

O cumprimento dessa lei é o cumprimento da vontade soberana, o laço de união e de atração entre o Creador e a criatura racional.

O dever é, pois, a religião.

Existindo, como existe, o verdadeiro dever, necessariamente também existe a verdadeira religião; de outra sorte, a religião não seria o dever ou a lei emanada de Deus sobre o espírito livre.

Qual será a verdadeira religião?

Antes, porém, permiti-me outra pergunta: Qual será a melhor das religiões?

Em absoluto, a melhor das religiões é a religião ver-

dadeira; mas o absoluto está fóra da capacidade humana.

O homem pôde definir a religião verdadeira, dizendo que ela é, em absoluto, o cumprimento do dever, o cumprimento da lei; mas, nem o homem, nem os Espíritos podem abraçar a lei absoluta do dever.

O dever aumenta e estende os seus limites com o progresso e a felicidade. A vossa inteligência invade cada dia novos horizontes; mas, á medida que ela se desenvolve, a vossa responsabilidade aumenta e as leis do dever se acrisolam.

A religião é, por consequência, progressiva, como o é o dever, que constitúe a sua essência; e a melhor das religiões é a que melhor promove o cumprimento do dever. Em relação ao homem, a melhor das religiões é a religião verdadeira.

A religião verdadeira é o Cristianismo, porque é a única que dirige a humanidade pelo caminho reto do dever. A palavra de Jesus, em alguns séculos, realizou progressos que nunca seriam realizados pela virtude de todas as outras religiões reunidas.

Há manchas que parecem empanar a religião do Cristo; mas estas procedem das fórmas que pertencem aos homens, e não do princípio divino que é a alma da religião cristã. A religião de Roma não é a religião do Cristo; porque o dever que Roma prega não é o dever verdadeiramente cristão.

O dever, na boca do Filho do homem, é o amor na liberdade; porque, sem a liberdade, é impossível o amor; e Roma condena a liberdade e exclui do amor de Deus os que não aceitam os ensinos dela. Recordai-vos de Jesus e das catacumbas; meditai, comparai e julgai.

Jesus oferece a sua vida em holocausto pela salvação de todos os homens e recomenda a caridade, que é o amor a Deus e ao próximo, sem exclusão de publi-

canos e do gentio. Os cristãos dos primeiros dias, escarnecidos, humilhados, vilipendiados e perseguidos como animais daninhos, como cães hidrófobos, cuja vida estava á mercê de todos, reunem-se debaixo do solo para chorar juntos a imensidão do seu infortúnio. E do fundo das catacumbas se eleva um piedoso murmúrio de adoração que, penetrando e atravessando a Terra e o espaço, chega como uma nuvem de incenso até ao trono do Altíssimo. Um clamor unânime sai de todas as orações, e uma mesma palavra pronunciam todos os lábios: *Liberdade*. Liberdade para adorar a Deus ao meio dia, á luz do sol; liberdade para se reunirem e praticarem o amor, sem receio dos insultos da população e do ódio dos tiranos.

Recordai-vos de Jesus e das catacumbas — e julgai se a religião de Roma é a religião de Jesus Cristo, se o anátema e o exclusivismo são o amor e a liberdade.

O dever, na boca do Filho do homem, é a paz; porque, sem ela, não há liberdade, e sem paz e liberdade não é possível o amor. E Roma intenta contra a paz dos povos, quando a guerra satisfaz as suas aspirações de predomínio moral ou material. A guerra não está no Evangelho, meu irmãos!

A morte paira neste momento ao redor de vós (1).

A discórdia agita o seu repugnante archote e ateia nos corações, nos corações ereados para o amor, o ódio e a vingança. O ferro e o fogo são os emissários da morte e os homens sucumbem aos milhares, e a maldição é a última palavra arrojada pelos seus lábios nas últimas convulsões.

Todos os ouvidos estão aguardando a infesta nova; todos os ânimos estão cheios de anciedade e de sobressaltos. Os écos e o fragor do combate vôam do ocidente

(1) Estas linhas foram escritas a 28 de Março de 1871.

ao oriente e penetram na cidade dos Cesares e dos Papas. Também ali há corações que palpitan de emoção, esperando o desenlace do trágico drama que se desenrola aos vossos olhos. Mas ah! aqueles corações não palpitan de amor, mas sim de anciedade; desejam a glória de uns e a derrota de outros, ainda que nessa derrota milhares de famílias tenham de verter lágrimas de sangue, de desespero e de infortúnio.

Uns arvoram o estandarte do progresso; os outros escrevem na sua bandeira o santo nome de Deus. E eis aí o nome de Deus, nome que os lábios não deviam pronunciar senão para venerá-lo e abençoá-lo, porém, que, no entanto, é apresentado como uma senha de ódio e de guerra na bandeira arvorada pela ambição e pelo fanatismo religioso.

Abatci êsse estandarte profanado, apagai dele o nome cem vezes sagrado do Altíssimo! Julgais que impunemente se pôde brincar com o que há de mais santo na Terra e nos céus?

Irmãos! lembrai-vos de Jesus, e, fixando a vossa atenção na guerra abominável que enche os corações de luto e a terra de cadáveres, dizei-me se o dever, se a paz, se o amor, se a liberdade e se a religião de Roma são o dever, a paz, o amor, a liberdade e a religião de Jesus, o verdadeiro Cristianismo.

Mas a hora está prestes a soar; já se escapam os últimos grãos de areia da ampulheta que assinala o tempo da existência da igreja, a que João chamou igreja pequena.

E essa igreja morre nas suas próprias mãos, por causa da perturbação que produziu nas entradas dos organismos sociais. Quis fazer da sua religião uma bandeira política, e morre ás mãos da política.

Perturbou as crenças para melhor e mais facilmente dominar os povos, e morre por causa da perturbação das crenças.

Em sua agonia, ela fomenta rebeliões nos Estados que sacudiram o seu pesado jugo, e ateia o fogo da guerra para prolongar por mais um minuto o seu domínio temporal; e as rebeliões e a guerra apressam a terminação dêsse domínio.

O instante supremo se avizinha, não o duvideis; mais um momento, e a igreja pequena não será mais para os homens que uma triste recordação.

Assim sucederá, porque é preciso que suceda; do contrário, a humanidade estaria irremissivelmente perdida, e Deus não pôde permitir que a humanidade se afunde para sempre no abismo.

Não sabeis quão ínfima já é a igreja pequena dos mercadores, porque não vos é dado esquadriñhar o coração dos homens. Sabê-lo-eis no dia em que se resolvam a falar muitos, muitíssimos dos que hoje choram em silêncio as abominações religiosas.

É considerável o número dos que choram e são ainda contados no seio da igreja pequena. Eles buscam a igreja universal, e, como não a vêem, choram em silêncio e esperam. Surja uma pequena réstea de luz e êles correrão para as portas da igreja universal.

A decadência da igreja pequena não vem de hoje, nem de hontem; a sua verdadeira decadência data dos dias em que os seus mandamentos começaram a visar o domínio e o interesse.

Ela foi a estátua de Nabucodonosor: começou por ser de ouro no regaço da igreja universal estabelecida pelo Cristo, e acabou por ser de barro nas mãos dos homens.

A estátua de Nabucodonosor é a imagem de todas as instituições puramente humanas; e a igreja pequena já não é mais que uma instituição talhada em moldes puramente humanos.

Mas, as molas que sustentavam e conservavam a igreja pequena, desde que o espírito de Jesus a abando-

nou, já perderam toda a sua fôrça; e a instituição humana, a igreja dos hipócritas e dos mercadores, abate-se sob o peso dos próprios mandamentos e êrrros, ao alvorecer da luz da liberdade e do dia da emancipação das conciências.

A pedra que há de derrubar e reduzir a pó a estátua de barro, já se desprendeu do cimo da montanha e desce com ímpeto soberano, impelida pelos mensageiros do Altíssimo.

Ai! de quem buscar conter-lhe o ímpeto! Apartai-vos. Não vedes que ela vem movida pela vontade de Deus?

XXVI

“Os grandes acontecimentos são sempre precedidos de anúncios ou sinais para fixar a atenção dos homens na importância do fato que vai realizar-se, afim de despertar os que dormem.

O fim da igreja pequena é um acontecimento solene, o mais solene, e importante de quantos a humanidade tem presenceado; porque o fim da igreja de Roma é o começo da igreja universal e o estabelecimento da doutrina de Jesus no entendimento e no coração dos pobres desterrados da Terra.

Os séculos vindouros saudarão com júbilo essa jornada, com o júbilo com que saudais a incarnação e a memória do Cristo. Por isso, o fim da igreja pequena, que é o começo da igreja universal, vem precedido de sinais maravilhosos, que vereis multiplicar-se á medida que os tempos avancem.

E os tempos se precipitam, porque tudo conspira para isso, mesmo aquilo que parece aos homens impecilhos ou obstáculos.

O sinal que precede ao fim da igreja pequena e no começo da igreja universal é o ensino manifesto dos